

## LIRISMO DO SILÊNCIO

*Giselda Medeiros*

O Escritor indiano, Poeta e Educador – Tagore – ao lado de Gandhi, uma das figuras mais populares e queridas da Índia contemporânea, ressalta em um de seus ensinamentos que “A música sente o infinito no ar; a pintura o sente na Terra. A poesia o sente na Terra e no ar porque sua palavra tem o sentido que caminha e a melodia que voa”.

Com efeito, por meio da Poesia, podemos criar outro mundo “mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado – por cima da realidade imediata”, como diz Ferreira Gullar. Ela, a poesia, alicerçada na palavra, traz a magia de poder recriar esse mundo objetivo, que nos cerca, em outro mundo mais humano, provido de cores, paixão e beleza, ou seja, o poeta nos leva a enxergar a beleza, o amor, enredando-nos nos liames de sua subjetividade. É como se ganhássemos novos olhos para ver o invisível e recriarmos nosso mundo mais solidário e mais acolhedor.

É isso o que acontece ao abirmos o livro de Graça Roriz Fonteles, já trazendo no título a direção do que vamos encontrar nos meandros do seu silêncio, porto do lirismo, que é o caminho por onde escorrem as palavras, vestidas em seu rigor poético. Vejamos esses versos do poema “Sombra”:

Oh! Por quem me tomas  
sombra amiga?  
Tu és silêncio  
Eu sou vida!

*Lirismo do Silêncio* (IMPRECE, Fortaleza, 2019), conforme sugere o título, é um livro, cuja matéria-prima é talhada com a força interior do eu, do subjetivismo, de que a Autora, travestida em eu lírico se apropria para chorar suas dores, o sofrimento diante da efemeridade das cousas, a angústia em face da finitude do homem, sempre à mira da morte que, inexoravelmente, o tornará pó, comprovando, assim, sua condição imanente de ser ontológico. Aludem ao que dissemos, os versos abaixo, do poema “Cotidiano”:

... tudo desigual  
e eu igual  
no cotidiano do silêncio  
proscênio de milênios  
e tudo igual  
ou des-igual  
ao ser  
que desejo ser

Já no início do livro, a Autora nos brinda com uma apresentação, que nos vem como uma mensagem para atingir a sensibilidade do seu leitor, um tipo de introito para depois chegar ao altar da Poesia, e ali deixar o óbolo de sua contemplação metafísica. E adverte:

O poeta discorda, acorda,  
Dá a cor,  
Sob o olhar cúmplice do amor.

Convém salientar que a Autora busca, em sua criação, captar a essência das cousas, dos seres, ao seu redor, e, contemplativamente, vai pintando nos intervalos da brancura do papel as palavras, bem arrumadas, cuidadosamente, criando seu bordado poético, – o poema.

E, diga-se, são poemas, na maioria, curtos, caracterizados pela concisão e justeza, vazados em linguagem bem trabalhada, já que a Autora utiliza-se de imagens coloridas, metáforas, antíteses, sinestesias, entre outras, que dão ao estilo um toque de estesia, necessária ao texto poético.

Assim é que, caro leitor, abrimos-lhe as portas desse precioso *Lirismo do Silêncio*, com o pensamento unido ao de Sartre, ao admitir que “as palavras trazem mais realidade que as coisas, uma vez que a palavra escrita desperta um universo sempre em verdadeiro anacronismo, um diálogo incessante a prender autor e leitor numa relação de cumplicidade”. E é, reiteramos nós, por meio da palavra, que podemos empreender essa viagem encantatória, esse transfigurar de emoções, para que, enfim, se efetue essa cumplicidade quase divina.

Por fim, deixo com você, leitor, o convite para essa travessia. A porta está aberta, “penetra surdamente no reino das palavras”, mas não desperte o silêncio que dormita em sua concha acolchoada de lirismo.